

APRECIACÃO NIETZSCHEANA DO IDEALISMO PLATÔNICO E SUA INVERSÃO

IZANETE DE MEDEIROS COSTA - Graduada em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).
izanetemcosta@bol.com.br

Resumo: O presente artigo apresenta um estudo da crítica nietzscheana ao idealismo platônico e a sua metafísica. Tal crítica consiste em uma tentativa de demonstrar a falta de sentido real do conhecimento. O resultado dessa crítica é a convocação de Nietzsche a todos os indivíduos para que estes não mais se conduzam por falsos fundamentalismos e passem a exercer suas vontades de poder; pensando e agindo por si mesmos. É preciso destruir os antigos padrões para que o novo sempre surja. O tema é relevante na medida em que permite o questionamento e a inovação diante do dogmático. Inicialmente, é apresentada a oposição de Nietzsche a Platão, ressaltando o lado prejudicial das teorias deste último. Em um segundo momento, é exposta a crítica ao conhecimento e a tentativa de superação do platonismo.

Palavras-chave: Idealismo; Verdade; Conhecimento; Linguagem.

Abstract: The present article embraces a study of the nietzschean critic to the platonic idealism and its metaphysics. This is critical in an attempt to demonstrate the lack of a real sense of knowledge. The result of this criticism is convening Nietzsche to all individuals so that they no longer lead by false fundamentalism and start to exert their will power; thinking and acting for themselves. You must destroy the old standards to the new always arises. The theme is relevant in that it allows questioning and innovation in the face of dogmatic. Initially, the objection is lodged Nietzsche to Plato, emphasizing the harmful side theories of the latter. In a second moment, is exposed to critical knowledge and attempt to overcome Platonism

Keywords: Idealism; Truth; Knowledge; Language.

Para um melhor entendimento da posição nietzscheana, após uma apresentação sucinta da tese platônica, objeto da crítica de Nietzsche, serão trabalhados os problemas da verdade, do conhecimento, da linguagem e da moral.

O problema da verdade é levantado por Nietzsche como uma resposta à noção de “ideia” e, em decorrência, ao ideal de verdade apresentado por Platão. Para Platão, a ideia é a verdade, o modelo eterno e imutável segundo o qual tudo é criado. Nietzsche, opondo-se a tal pensamento, esforça-se por mostrar que a verdade é apenas o fruto de uma convenção humana. Não existe a verdade em si. Ela é algo relativo e depende do homem para existir. Para garantir uma vivência social pacífica, criam-se “denominações” que deverão ser aceitas por todos. Após longa utilização destas “denominações” esquece-se de que elas são convenções e passa-se a tomá-las como verdades em si.

Com relação ao conhecimento, Platão afirma que ele se dá a partir da contemplação das ideias. Nietzsche, criticando o pensamento platônico, afirma que o conhecimento não é possível sem a atividade criadora do homem, pois do mundo não há nada para ser conhecido. O homem cria um sentido e o atribui ao mundo. Ao aproximar-se do mundo para conhecê-lo, depara-se com aquilo que ele próprio criou.

É a linguagem, com seu poder criador, que dá ao homem a ilusão de que o mundo pode ser abarcado por palavras e conceitos.

Em Platão, a moralidade surge tendo por base a ideia do Bem, que é a ideia primeira e suprema. Todos os valores morais encontram-se bem fundamentados. Já para Nietzsche, a moral não possui bases sólidas. Ela é tida como algo não natural que surge pela necessidade de um freamento do instinto humano para um suposto aperfeiçoamento da humanidade.

O trabalho está dividido em duas seções. Inicialmente é apresentada a oposição de Nietzsche à teoria platônica de dois mundos. Nela é discutido como o mundo “perfeito” pensado por Platão torna-se desvantajoso à vida. Apesar da oposição, Nietzsche aprecia o idealismo platônico, pois, o mesmo, tem uma finalidade política imprescindível à sociedade da época. Em seguida é feita a crítica ao conhecimento. Nietzsche questiona o ideal de verdade e a linguagem para criticar o conhecimento e, com isso, o platonismo. Dessa forma, há uma tentativa de superação da dualidade e de evidenciar que a metafísica platônica é apenas um tratado ético-político.

1 - Oposição de Nietzsche à teoria platônica de dois mundos

Nas alegorias elaboradas por Platão no diálogo *A república* a noção de ideia é apontada como verdade e como fundamento da opinião verdadeira. Ele considera os objetos sensíveis como sendo ilusórios e aparentes. Com a teoria das Ideias, Platão, faz a distinção entre dois mundos: mundo

sensível e mundo inteligível.¹ Nietzsche opõe-se a esta teoria dos dois mundos

Para Nietzsche, o mundo inteligível – considerado por Platão como o mundo verdadeiro – é apenas uma ilusão, algo criado pelos homens e que não possui valor real. A “realidade” reside no mundo sensível. Este é o único mundo “verdadeiro”, ou seja, o único mundo com o qual o homem tem contato e o único que pode ser por ele conhecido. Entretanto, é importante ressaltar que, para Nietzsche, mesmo o mundo sensível só pode ser conhecido até certo ponto; dele só se conhece o que o homem lhe atribui.

Nietzsche tenta abalar tal oposição platoniana demonstrando a sua falta de significado real.

O mundo verdadeiro, inalcançável, indemonstrável, impossível de ser prometido, mas, já enquanto pensamento, um consolo, uma obrigação, um imperativo. [...] O mundo verdadeiro – alcançável? De todo modo, inalcançado. E, enquanto não alcançado, também desconhecido. Logo, tampouco salvador, consolador, obrigatório: a que poderia nos obrigar algo desconhecido? [...] O mundo verdadeiro – uma ideia que para nada mais serve, não mais obriga a nada -, ideia tornado inútil, logo refutada: vamos eliminá-la!²

Neste fragmento de *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche aponta o mundo inteligível (mundo-verdade) como puramente imaginário, algo que não possui existência e não pode ser conhecido. Tal mundo não deveria influenciar os seres humanos, tampouco ser a fonte última do conhecimento no qual tudo é baseado.

O mundo inteligível é desvantajoso à vida na medida em que encobre o próprio existir humano, o que o homem é de fato. O mundo inteligível não coloca a vida em evidência. Ao contrário, mascara-a. Ao depositar toda a sua “confiança” no mundo inteligível, o ser humano acaba por sair de um mundo autêntico e passa a refugiar-se em uma realidade produzida. Buscar a verdade é fugir da vida.³

Este aspecto é comentado por Giacóia Júnior no texto *O Platão de Nietzsche e o Nietzsche de Platão*. Na passagem que segue, Giacóia Júnior faz referência ao homem que renuncia a existência autêntica para refugiar-se em teorias.

Para Nietzsche, por conseguinte, os helenos autênticos⁴ sentem o platonismo como signo de um perigo fundamental para a vida da *polis*, na medida em que nele se expressa a tendência da cultura superior a se dissociar da vida ativa, a se divorciar da realidade para se enclausurar nos conventículos dos teóricos especulativos, a aprofundar o fosso

¹ PLATÃO, 1949

² NIETZSCHE, 2008, p. 31-32

³ ROSSET, 2000

⁴ Para Nietzsche, os helenos autênticos são aqueles capazes de aceitar a vida tal qual ela é, sem máscaras e encobrimentos. É aquele capaz de aceitar toda a “cruza” da vida sem refugiar-se em teorias idealistas. Platão não pode, portanto, ser considerado um heleno autêntico, uma vez que o mesmo tenta mascarar a realidade ao criar a Teoria das Ideias.

entre o homem de ação e o homem de pensamento.⁵

Tal pensamento platônico de um mundo ideal, a metafísica platônica, pode levar a um estado em que os homens, desvinculando-se da vivência cotidiana, passam a não terem mais objetivos frente a tal mundo e a não crer em nada que provém dele.

As ideias, o idealismo, portanto, tornam a vida inautêntica. Platão, com sua Teoria das Ideias, tenta mascarar a vida, como volta a comentar Giacóia Júnior: “Fica, portanto, perfeitamente claro, que Nietzsche imputa a Platão a ‘patranha superior’, a força do idealismo, essa denegação da crueza bruta da existência que leva a procurar refúgio no ideal, no ‘verdadeiro-mundo’”.⁶

Dessa forma, essa perspectiva deve ser recusada. É preciso buscar uma perspectiva que faça aflorar a vida em toda a sua plenitude. Tendo demonstrado as desvantagens do mundo inteligível, mundo das ideias, cabe questionar o que restaria após sua aniquilação.

Com a inexistência do mundo das ideias, um mundo puramente racional, restariam apenas as aparências. No pensamento de Nietzsche, nem mesmo estas subsistem. A aparência é, para Platão, uma cópia distorcida da essência. Ao abolir o mundo das essências, Nietzsche também termina por abolir o mundo das aparências. “Abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? O aparente, talvez?... Não! Com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente!”⁷

O mundo das aparências não pode subsistir, uma vez que o mundo das essências foi eliminado. Isso ocorre porque tais mundos estão interligados em uma relação de contrariedade. O primeiro apresenta-se como contrário do segundo. Ao abolir o mundo das essências, conseqüentemente, o seu contrário – o mundo das aparências – também desaparece. Ao inverter o platonismo, Nietzsche não pretende apenas inverter a posição dos extremos que se fazem presentes na teoria platônica dos dois mundos. Nietzsche pretende ir além disso, superar o platonismo levando seu pensamento, sua filosofia, para fora de tal sistema. Este aspecto é comentado por Heidegger na obra *Nietzsche*.

O que acontece quando o mundo verdadeiro é suprimido? [...] ele é parte contrária do mundo verdadeiro. Se esse mundo desaparece [...] então o mundo aparente também precisa desaparecer. Somente então o platonismo é superado, isto é, invertido de tal modo que o pensamento filosófico se volta para fora dele.⁸

Em um trecho de *Gaia ciência*, Nietzsche enfatiza ainda mais a refutação da noção de aparência como mero oposto da essência. Ao defender a “aparência”, Nietzsche defende o mundo da vida, o

⁵ GIACÓIA JÚNIOR, 1997, p. 25

⁶ GIACÓIA JÚNIOR, 1997, p. 24-25

⁷ NIETZSCHE, 2008, p. 32

⁸ HEIDEGGER, 2007, p. 179

mundo em que o homem pode agir sem encobrimentos, sem mascarar a vida.

O que é agora, para mim, a aparência? Verdadeiramente, não é o oposto de alguma essência [...] Verdadeiramente, não uma máscara mortuária que se pudesse aplicar a um X desconhecido e depois tirar! A aparência é, para mim, aquilo mesmo que atua e vive, que na zombaria de si mesmo chega ao ponto de me fazer sentir que todo aqui é aparência, fogo-fátuo, dança dos espíritos e nada mais – que, entre todos esses sonhadores, também eu, o “homem do conhecimento”, danço a minha dança, que o homem do conhecimento é um recurso para prolongar a dança terrestre e, assim, está entre os mestres-de-cerimônia da existência, e que a sublime coerência e ligação de todos ao conhecimento é e será, talvez, o meio supremo de manter a universalidade do sonho e a mútua compreensibilidade de todos esses sonhadores, e, precisamente com isso, a duração do sonho.⁹

Para Nietzsche, o único mundo existente é o mundo concreto, com o qual se tem contato, onde se vive. Apesar de opor-se à teoria dos dois mundos, Nietzsche aprecia o idealismo Platônico, faz um elogio à “mentira platônica”. Na obra *Considerações intempestivas*, na parte dedicada à História, Nietzsche faz menção a uma passagem de *A república* na qual Platão sugere que em um estado perfeito, para educar as crianças, deve-se primeiro inculcar nelas mitos referentes às suas origens.

Platão achava indispensável, para educar a primeira geração de cidadãos da sua nova sociedade (no Estado perfeito), recorrer a uma grande mentira necessária: as crianças deveriam ser levadas a crer que todas elas tinham já vivido, durante um certo tempo, como num sonho, debaixo da terra e que lá tinham sido formadas e moldadas pelo autor da natureza. É impossível insurgir-se contra este passado! É impossível opor-se às obras dos deuses! Assim o queria uma lei inviolável da natureza: quem nasce filósofo tem ouro no corpo, quem nasce guardião tem somente prata, quem nasce trabalhador tem somente ferro e bronze. Assim como não é possível misturar os metais, explica Platão, do mesmo modo não deve ser permitido transgredir e subverter a ordem das castas; a crença na *aeterna veritatis* desta ordem é o fundamento da nova educação e, portanto do novo estado.¹⁰

Este mito serviria, no estado perfeito, para educar as crianças segundo as suas habilidades e segundo as necessidades do próprio Estado sem que as crianças se opusessem a tal educação. Desta forma, a mentira platônica apesar de ser uma mentira, tem uma utilidade prática. Ela visa a criação de um Estado. Sem a utilização de tal mentira, não seria possível criar leis que servissem para regulamentá-lo, uma vez que faltaria um fundamento “sólido” no qual a criação de tais leis estivesse baseada.

As ideias, para Nietzsche, possuem sentido utilitário. As ideias, essências ou conceitos, são criadas e apresentadas a todos como sendo a verdade, a realidade. O homem as aceita como tais, pois

⁹ NIETZSCHE, 2001, p. 92

¹⁰ NIETZSCHE, 2005, p. 170

tal aceitação lhe é vantajosa.

No fragmento *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche afirma que o homem utiliza-se do intelecto para conservar sua existência. O intelecto, antes visto como algo de importância sem igual, capaz de levar o homem ao ápice do desenvolvimento, passa a ser tido, em uma visão negativa, como um meio pelo qual os indivíduos fingem, enganam e traem seus semelhantes com o simples intuito de manter suas existências. Com o auxílio do intelecto, cada sujeito mente, trama, constrói armadilhas para destruir seus inimigos antes de ser por eles destruído. “Como um meio para a conservação do indivíduo, o intelecto desenrola suas principais forças na dissimulação, pois esta constitui o meio pelo qual os indivíduos fracos, menos vigorosos, conservam-se.”¹¹

O homem, porém, não desperdiça todo o seu potencial intelectual na tarefa de dissimular-se perante os outros. Em alguns momentos de sua existência, ele sentiu necessidade de não mais viver preocupando-se simplesmente com a preservação de seu existir. Ele passa a desejar veementemente viver em uma sociedade regida por leis, onde se possa alcançar uma vivência pacífica e tranquila. Para concretizar o referido desejo, é necessário fazer uma concessão: o intelecto, instrumento utilizado para o engano, a partir de então, não deveria mais ser usado com tal finalidade. O homem, querendo a vivência social, tenta renunciar à arte da dissimulação, ao uso do intelecto contra os outros, para entrar em acordo com os demais. De agora em diante, cada indivíduo terá de empreender um esforço exemplar em seguir as normas do grupo, terá de renunciar a seu instinto para alcançar, em decorrência disto, uma convivência pacífica.¹²

Para a realização de tal empreendimento, o homem passa a aceitar a verdade como regra para a ação e para o julgamento, pois isso lhe é vantajoso. A verdade se torna necessária para regulamentar a vida em sociedade.

Da mesma forma, com a teoria das Ideias, Platão nada faz além de criar um tratado ético, uma vez que a ideia de bem é a base para a formação de todas as outras ideias. A ideia de bem, por sua vez, é utilizada com uma finalidade política, para assegurar a manutenção do Estado.

Consideremos, pois, esse ponto como uma das ideias-chave de interpretação nietzscheana: o traço dominante tanto na teoria quanto no caráter do homem Platão teria consistido em seu instinto ou impulso ético. Platão seria, antes de tudo, um político e um legislador. [...] Foi em vista da ética e da política que Platão mobilizou sua teoria do conhecimento, sobretudo a parte consistente na doutrina das ideias. Essa teria sido a principal consequência, ou reação, desencadeada nele pela experiência vivida com o moralista Sócrates.¹³

Com o mundo das ideias, Platão tenta garantir que os valores continuem sendo respeitados por

¹¹ NIETZSCHE, 2007, p. 27

¹² NIETZSCHE, 2007

¹³ GIACÓIA JÚNIOR, 2007, p. 14

todos, que a moral continue influenciando as pessoas e, dessa forma, evitar que o Estado seja extinto.

2 - Crítica do conhecimento

Nietzsche, em seus escritos, questiona e problematiza aspectos referentes ao conhecimento, criticando-o. Para Nietzsche, a verdade, e mesmo a realidade, são completamente relativos, dependem do homem para existir e giram em torno dele.

Antes de abordar a noção de conhecimento é necessário fazer menção ao conceito de verdade, sem o qual se torna impossível entender o que, para Nietzsche, significa conhecer. O ideal de verdade surge no interesse do ser humano viver em sociedade. “Ainda não sabemos donde provém o impulso a verdade: pois, até agora, ouvimos falar apenas da obrigação de mentir conforme uma convenção consolidada, mentir em rebanho num estilo a todos obrigatório.”¹⁴

Sem o estabelecimento de critérios que diferenciem o verdadeiro do falso, cada membro da sociedade agiria movido por sua particular concepção de verdade. Dentro de uma mesma sociedade, haveria diferentes verdades referentes a um único aspecto de determinada coisa. Como consequência disto, o dissenso reinaria. Para que todos os indivíduos possam se entender e conviver melhor, criam-se designações das coisas que deverão ser aceitas e inquestionadas por todos. Nietzsche critica o ideal de verdade questionando se ele possui algum valor real. Pelo que foi dito acima, percebe-se que a verdade é apenas o fruto de uma convenção feita e imposta por aqueles que exercem sua vontade de poder. As verdades são criações humanas que, por estarem há muito tempo presentes na sociedade, são tomadas como reflexo do real, mas são apenas ilusões, metáforas. Nietzsche as explica da seguinte forma: “O que é, pois, a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos que, após longa duração parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são.”¹⁵

Aqui, ilusão é tomada no sentido de que o homem, ao esquecer que as verdades e conceitos são criações suas, acaba por tomá-las como se fossem as próprias coisas designadas. Por exemplo, quando se fala em folha, fala-se como se estivesse referindo-se a qualquer folha, “esta folha” ou todas as folhas quando, de fato, não se refere a folha nenhuma, mas apenas a um conceito criado pelo intelecto.¹⁶

Com isso, fica claro que, para Nietzsche, a verdade não possui valor real, mas apenas um valor convencional. Ela seria, se assim é permitido dizer, uma mentira coletiva sobre a qual todos concordam acreditar, com o único intuito de manter viva a sociedade. A respeito disto, comenta Machado: “A verdade não é uma adequação do intelecto à realidade; é o resultado de uma convenção que é imposta com o objetivo de tornar possível a vida social”¹⁷. A verdade não é um tipo de reprodução ou leitura da

¹⁴ NIETZSCHE, 2007, p. 37

¹⁵ NIETZSCHE, 2007, p. 36

¹⁶ NIETZSCHE, 2007

¹⁷ MACHADO, 1999, p. 38

realidade, é apenas uma convenção que diz respeito à relação entre os homens. Verdade e falsidade são apenas uma adequação da linguagem. Adequação não com o real, mas de palavras e conceitos entre si. A linguagem atribui significado às coisas, mas este significado nada diz da realidade. Nietzsche tenta enfatizar este aspecto, demonstrando que palavras e conceitos são vazios de sentido real.¹⁸

A palavra não se refere a algo concreto, externo ao homem, mas a algo subjetivo. Não se pode observar na natureza, a existência de algumas coisas a que a palavra se refere. Por exemplo, quando se diz que algo é pesado, leve ou macio, o “pesado”, o “leve” e o “macio” não existem na natureza, podendo apenas ser detectados pela percepção subjetiva de cada indivíduo. Da mesma forma, quando se fala em cadeira ou mesa, se está falando de um mero conceito abstrato. O conceito também é uma criação humana que não abrange a realidade como ela realmente é. Isto fica claro pelo fato de que, se levarmos em conta as particularidades de cada coisa, o conceito desaparece. O conceito surge quando se tenta igualar as coisas que são diferentes. Observam-se coisas que diferem entre si e são abstraídas as características individuais. A partir destas características individuais são criadas características gerais. Uma vez criadas, as características gerais não são mais levadas em conta as particularidades – diferenças –, igualando-as. Não há na natureza nenhuma árvore igual a outra, mas por “igualação dos não-iguais” surge o conceito de árvore.¹⁹

Criar um conceito é, de certa forma, criar uma essência. Em Nietzsche, não há uma ideia de essência tal como temos em Platão, uma essência eterna e imutável que, por si só, subsiste a todas as coisas. Porém, no pensamento nietzscheano, está presente a ideia de uma essência criada pelo homem por meio da abstração. Esta essência não é eterna e pode ser modificada conforme mudam as concepções humanas. A realidade não é sombra da essência. Ao contrário, a essência é sombra da realidade, e nada diz de concreto. Observam-se as qualidades particulares, abstraem-se as semelhanças e cria-se um modelo. Este modelo é a essência. Com a criação das essências, o homem está sujeito a cair no erro de esquecer que elas existem somente em suas mentes.

o conceito de folha é formado por meio de uma arbitrária abstração [...] despertando a representação, como se na natureza, além das folhas, houvesse algo que fosse “folha”, tal como uma forma primordial de acordo com a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, contornadas, coloridas, encrespadas e pintadas, mas por mãos ineptas, de sorte que nenhum exemplar resultasse correto e confiável como cópia autêntica da forma primordial.²⁰

Esta forma primordial, ou essência, que o homem criou, servirá de base para a interpretação do mundo. Ao se criar uma essência, atribui-se um sentido à realidade. O conhecimento consistirá em interpretar este sentido.

¹⁸ SAMPAIO, 2007

¹⁹ NIETZSCHE, 2007

²⁰ NIETZSCHE, 2007, p. 35

Segundo Nietzsche, o homem é incapaz de conhecer as coisas em si, mas somente suas metáforas. Ao aproximar-se das coisas para tentar conhecê-las, o homem acaba por desviar-se das mesmas, conhecendo assim, apenas aquilo que ele mesmo projeta criativamente na natureza. Por não conhecer as coisas em si, o homem conhece apenas as metáforas. Conhecer a metáfora é conhecer imagens das coisas. Imagens estas que o próprio homem cria. Usar uma metáfora é referir-se a uma coisa como se estivesse referindo-se a outra. Por exemplo, quando alguém se aproxima de uma “árvore” para conhecê-la, conhece apenas a metáfora de seu formato, cor, tamanho, cheiro etc., referindo-se a tudo isso que é percebido pela sensibilidade como sendo uma realidade em si, mas está se referindo a todo um aparato que foi criado e atribuído a ela.

Nietzsche ressalta o aspecto puramente criado do conhecimento. O conhecimento foi inventado pelo homem e depende dele para existir. Esta afirmação torna-se evidente em uma passagem do fragmento *Sobre verdade e mentira* na qual Nietzsche fabula:

Em um remoto recanto do universo, que se deságua fulgorantemente em inumeráveis sistemas solares, havia uma vez um astro, no qual animais astuciosos inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais audacioso e mais hipócrita da história universal: mas no fim de contas foi apenas um minuto. Após alguns respiros da natureza, o astro congelou-se, e os astuciosos animais tiveram de morrer. [...] para aquele intelecto, não há nenhuma missão ulterior que conduzisse para além da vida humana.²¹

Utilizando-se de tal fábula, Nietzsche tenta ilustrar seu pensamento. Segundo o autor, o homem atribui um sentido à natureza, sentido este incapaz de subsistir por si só, de manter-se em vigor longe da presença criadora do homem. Conhecer, de acordo com a tradição iniciada com Platão, nada mais é senão o ato de desvelar o que a natureza esconde no mais íntimo de seu ser. Em outras palavras, conhecer consistiria em descobrir e entender o sentido, ou verdade contida no mundo. Uma vez que, para Nietzsche, não existe uma verdade universal e absoluta contida no mundo, o conhecimento depende única e exclusivamente daquele sentido – essência – que o homem criou e atribuiu ao mundo. Em suma, do mundo não há nada para ser conhecido, além daquilo que o ser humano lhe concedeu.

Ao empreender tal crítica ao conhecimento, Nietzsche inverte o platonismo. Ele tenta, com sua filosofia, demonstrar a falta de sentido real da metafísica platônica invertendo-a. Como ele mesmo afirma, sua teoria é um “platonismo invertido”²², mas não se detém apenas a isto. Esta “inversão” é discutida por Heidegger na obra *Nietzsche*, conforme citado abaixo.

Inverter o platonismo significa então inverter a relação com que dá a medida; o que no platonismo se encontra embaixo e quer ser medido a partir do supra-sensível precisa ser transposto para cima; é preciso colocar o supra-sensível inversamente ao seu serviço.

²¹ NIETZSCHE, 2007, p. 25

²² HEIDEGGER, 2007, p. 140

Em meio à realização da inversão, o sensível se transforma no ente propriamente dito, isto é, no verdadeiro, na verdade.²³

Todavia, Giacóia Júnior vai além do pensamento heideggeriano presente na citação acima ao falar da inversão nietzscheana do platonismo. Giacóia Júnior pede um olhar mais sutil e atento sobre a mesma. Ele entende a inversão não apenas como uma mudança de posição dos extremos, mas como superação da dualidade platônica, um “sair para fora” de tal pensamento, ir além dele.

Inverter seria, então, simplesmente reverter, revalorizar o extremo oposto daquele valorizado pelo Sócrates platônico. Penso ser aqui fundamental distinguir o Nietzsche de fachada de um Nietzsche mais sutil, de intenções filosóficas abissais. Inverter o platonismo não significa, no fundo, retornar a sofística ou ao realismo cru de Tucídides, significa, antes, levá-lo além e acima de si mesmo, superá-lo e transfigurá-lo numa espécie de grandeza, profundidade e elevação cuja virtude não consiste na violência ou na crueldade da dominação física ou política, mas aquilo que se poderia denominar domínio de si, tornar-se senhor de seus próprios demônios.²⁴

Em Platão, as ideias ficam em um plano superior, o plano supra-sensível, e com base nelas todas as coisas são criadas. O mundo sensível apresenta-se, então, como aparência do mundo verdadeiro. Em Nietzsche, são as coisas sensíveis que ocupam um plano superior. É tomando por base o mundo sensível que as essências são criadas. Com essa inversão feita por Nietzsche, o mundo sensível torna-se o mundo “verdadeiro”²⁵. A humanidade não depende mais de um modelo invisível e ilusório para tomar por base ao criar, produzir sua existência. O homem não pode mais deixar-se regular e dominar por normas criadas com base nas ideias. Cada indivíduo passa a dominar-se, conduzindo-se por interesses e ideais particulares. O que existe agora é o particular, o visível, o concreto, o mundo em que o homem está inserido e com o qual pode construir realidades diversas. Toda criação humana é passível de mudança. Os valores, os princípios éticos e morais instituídos pela humanidade podem ser transformados na medida em que a sua forma de pensar é transformada.

Os valores não permanecem iguais, inalterados em todas as épocas, pois as concepções humanas mudam dentro de uma sociedade com o decorrer do tempo. Na obra *Aurora*, Nietzsche exemplifica a transformação de valores comentando uma mudança ocorrida nos valores presentes na sociedade grega.

²³ HEIDEGGER, 2007, p. 140

²⁴ GIACÓIA JÚNIOR, 1997, p. 33

²⁵ Nesta sentença, quando é afirmado que o mundo sensível torna-se o mundo verdadeiro, não se pretende afirmar que para Nietzsche o mundo sensível possui o mesmo “valor de verdade” que tem para Platão o mundo inteligível. Com a referida afirmação, busca-se enfatizar que com a inversão nietzscheana do platonismo extingue-se todo e qualquer “valor de verdade” atribuído ao mundo inteligível; é eliminada a dualidade sensível/ inteligível. Sobre o fim desta dualidade, ver Nietzsche (2008: 42).

Assim, os mais antigos gregos olharam a inveja de forma diferente de nós: Hesíodo a inclui entre os efeitos da boa, benéfica Éris, e não era ofensivo reconhecer algo de invejoso nos deuses: compreensível, num estado de coisas que tinha por alma a competição; mas a competição era avaliada e estabelecida como algo bom. De igual modo, os gregos eram diferentes de nós na avaliação da esperança: viam-na como cega e pérfida; Hesíodo insinuou numa fábula a coisa mais forte sobre ela, algo tão estranho que nenhum intérprete recente o compreendeu – pois vai de encontro ao espírito moderno, que aprendeu, com o cristianismo, a acreditar na esperança de uma virtude. Já entre os gregos, que não tinham por inteiramente fechado o acesso ao conhecimento do futuro, e para os quais, em inúmeros casos, uma indagação sobre ele tornou-se obrigação religiosa, quando nós nos satisfazemos com a esperança, ela teve, graças aos oráculos e adivinhos, de ser um tanto rebaixada e degradada em algo ruim e perigoso.²⁶

Com a modernidade, tais valores foram sendo modificados no interior da cultura grega. A inveja, antes vista como algo bom, passa a ser vista como algo prejudicial à vivência social. Da mesma forma, a esperança, antes vista como prejudicial, passa a ser tida como boa e necessária para a manutenção da sociedade atual. Assim, nota-se que os significados que o homem atribui às coisas podem ser destruídos para dar lugar a novas significações. O processo de superação dos princípios éticos vigentes é denominado transvaloração. Em outro trecho de *Aurora*, Nietzsche fala sobre a transvaloração, expressando o desejo de superação da moral; para que essa deixe de controlar e escravizar os homens.

Quem já estaria agora em condições de descrever o que substituirá, um dia, os sentimentos e juízos morais? – ainda que possamos ver claramente que todos os seus fundamentos se acham defeituosos e que seu edifício não permite reparação: seu caráter obrigatório diminuirá dia após dia, enquanto não diminuir o caráter obrigatório da razão! Construir novamente as leis da vida e do agir – para essa tarefa nossas ciências da fisiologia, da medicina, da sociedade e da solidão não se acham ainda suficientemente seguras de si: e somente dela podemos extrair as pedras fundamentais para novos ideais (se não os próprios ideais mesmos). De modo que levamos uma existência provisória ou uma existência póstuma, conforme o gosto e o talento, e o melhor que fazemos, nesse interregno, é ser o máximo possível nossos próprios reges [reis] e fundar pequenos Estados experimentais. Nós somos experimentais: sejamo-lo de bom grado!²⁷

Os valores morais estão fundados em bases não sólidas e não possuem autoridade alguma em si mesmos. Todos os valores morais apresentam-se como transitórios, podendo ser destruídos para dar lugar a novos valores e nisto consistirá o ponto de partida para a superação do platonismo e seu ideal de verdade. O próprio Platão também fizera isso. Ele pensou seu próprio “Estado experimental” e o fez de bom grado. Platão pensou seu Estado em todos os aspectos e fez o possível para garantir a manutenção do mesmo. Nietzsche espera que o futuro também pense e faça o seu.

²⁶ NIETZSCHE, 2004, p. 37

²⁷ NIETZSCHE, 2004, p. 234

3 - Conclusão

Segundo Platão, em sua teoria dos dois mundos, existem dois planos distintos: o mundo sensível e o inteligível. O mundo sensível é o mundo das aparências, o único com o qual o homem tem contato. O mundo inteligível é o mundo das ideias, das essências. Ideia é um modelo eterno e imutável, segundo o qual todas as coisas do mundo visível são criadas. A ideia do “Bem” é a ideia suprema que dá origem a todas as coisas. As coisas do mundo sensível são apenas reflexos de seus modelos originários: as ideias. Desta forma, Platão afirma que a realidade se encontra em um lugar fora do mundo sensível.

O conhecimento, ainda segundo Platão, só é possível se for baseado no mundo inteligível. O conhecimento consiste em rememorar aquilo que já está presente na alma, mas foi esquecido quando esta se aprisionou em uma forma corpórea. Por meio da dialética, a alma pode ascender às ideias e rememorar tudo aquilo que já sabia, atingindo assim o conhecimento verdadeiro.²⁸

Opondo-se à teoria platônica de dois mundos, Nietzsche aponta a falta de significado real do mundo inteligível. O mundo inteligível é algo imaginário. O único mundo existente é este mundo com o qual o homem tem contato. As “ideias” possuem um sentido utilitário. Elas são criações humanas, porém os homens as aceitam como sendo verdades em si porque isso lhes é vantajoso. Platão criou a teoria do mundo das ideias, segundo Nietzsche, com a única finalidade de garantir que os valores não fossem extintos e que a moral continuasse influenciando as pessoas. E, dessa forma, a Estado grego pudesse subsistir.

Em resposta à teoria do conhecimento de Platão, Nietzsche afirma que o conhecimento verdadeiro não é possível, pois do mundo não há nada para se conhecer. O conhecimento foi criado pelo homem e depende dele para existir. O homem cria significados e os atribui à natureza. Ao aproximar-se desta última para conhecê-la, o homem depara-se com aquilo que ele mesmo criou, com as convenções da linguagem. Do mundo só se conhece aquilo que o homem lhe acrescentou.

Nietzsche apresenta a filosofia de Platão como um tratado moral que não se encontra fundado em bases sólidas. A crítica à noção de “ideia” platônica e, conseqüentemente, à sua metafísica representa um incentivo para que os indivíduos não se conduzam por tal moral e por nenhuma outra. Nietzsche convoca cada um a não mais deixar-se guiar por ilusórios fundamentalismos – pois não existe fundamento algum – para, pensando por si mesmos, poderem exercer sua vontade de poder, sem impedimentos, sem ressentimentos. É necessária uma constante destruição de paradigmas para que também constantemente surja o novo. Nietzsche deixa-nos uma perspectiva de superação e mudança. Ele convoca-nos a ousar sermos livres para construirmos nossa própria existência.

²⁸ PLATÃO, 2001

BIBLIOGRAFIA

GIACÓIA JÚNIOR, O. Nietzsche: fim da metafísica e os pós-modernos. In: IMAGUIRE, G.; ALMEIDA, C.L.S. de; OLIVEIRA, M.A. de. (Orgs.). **Metafísica contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 13-45.

GIACÓIA JÚNIOR, O. O Platão de Nietzsche e o Nietzsche de Platão. **Cadernos Nietzsche** – Publicação do GEN-Grupo de Estudos Nietzsche. São Paulo, n. 3, p. 23-36, 1997.

HEIDEGGER. **Nietzsche**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Vol. I.

MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. W. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, F. W. II Consideração intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. In: NIETZSCHE, F. W. **Escritos sobre história**. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005. p. 67-178.

NIETZSCHE, F. W. **Sobre verdade e mentira**. Trad. e org. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

NIETZSCHE, F. W. **Crepúsculo dos ídolos**: ou como se filosofia com o martelo. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

PLATÃO. **Mênon**. Edição bilíngüe grego-português. Trad. Maura Iglésias. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2001.

ROSSET, C. **Alegria: a força maior**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SAMPAIO, E. O argumento do criador do conhecimento em Nietzsche. **Revista Kriterion**. Belo Horizonte, Vol. XLVIII, n. 115, p. 89-106, jun. 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/kr/v48n115/a0648115.pdf> >. Acesso em: 9 nov. 2010.